



DA POLUIÇÃO LOCAL À HIGIENIZAÇÃO DA COLÓNIA: A LEPRO ENTRE UM MAL SOCIAL E A MEDICINA TROPICAL [GUINÉ-PORTUGUESA 1951-1974].

Luis Manuel Neves Costa *

* *Departamento de Ciências da Vida [Antropologia]*
Faculdade de Ciências e Tecnologia
Universidade de Coimbra
luismncosta@gmail.com

Resumo

Esta comunicação parte da história de vida de *Cubambono*, um felupe da Guiné Portuguesa, atacado pelo *irã* [espírito animista] do *Sambun Asu*, cuja acção imprime marcas no corpo da pessoa, assinalando-o aos olhos da comunidade como infractor da ética do grupo. Impõe-se o seu afastamento do convívio social, isolando-o no *kaliako*. Confinado longe dos olhares, evita *poluir* a sociedade, até que advenha a sua morte ou a cura. É da condenação ao *kaliako* que a intervenção da Medicina colonial o resgata [década de 60], numa das visitas periódicas da *Missão do Sono* à sua aldeia, identificando nele os evidentes sinais de lepra, levando-o para a Leprosaria de Cumura [Bissau].

Através desta história de vida, acedemos à construção social da doença entre os felupes que existe e se coloca [como tantas outras representações, tantas quantos os grupos sociais] no interface da Medicina colonial, que se pretendia assumir como hegemónica, na tentativa de higienizar os corpos e o espaço, dando expressão a imperativos normativos coloniais. Deste modo, pretendemos revisitar a lepra como um problema de saúde da Guiné Portuguesa e as estratégias de prospecção e combate instituídas para a enfrentar, não descurando a esfera das representações sociais culturais em torno da doença, construídas nos diversos planos: indígena, médico, económico, propaganda colonial.